

RESISTÊNCIAS NEGRAS E O AQUILOMBAMENTO NAS AMÉRICAS

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende fazer compreender, a partir da obra *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho* (2022), do autor martinicano Malcom Ferdinand, as relações estabelecidas entre os imaginários *crioulos* de resistências nas Américas e a manutenção de uma ecologia quilombola no Brasil. Traduzida para o português no final de 2022, a obra de Malcom Ferdinand possibilita outro caminho para a compreensão das conexões das territorialidades quilombolas no Brasil - que são conectadas as experiências políticas na região do Caribe – bem como os seus modos de vida, pautados na comunhão, respeito, integração e cuidado com a natureza.

A exploração intensa de seres humanos encontrou sua expressão mais forte e longa no estabelecimento do tráfico negreiro e da escravidão dos negros africanos nas Américas. A caça, a captura, o sequestro, o tráfico, a destituição, a redução, a violação, a compra e a travessia pelo Atlântico são ações conhecidas. A escravidão das negras e dos negros africanos, retirados da sua terra mãe, junto das violências cometidas aos ameríndios, produziram uma forma destruidora de habitar a Terra.

Desse habitar colonial, foram constituídas maneiras de se relacionar com a natureza e com os *outros* – os negros e os subalternos -, fincados nos moldes da escravidão. Nas Américas, as monoculturas intensivas e a exploração de seres humanos e da natureza foram mantidas, mesmo após as abolições da escravidão. Um dos exemplos que Malcom (2022) traz é o sistema de *plantation* como principal forma de ocupação: um conjunto que compreendia o campo cultivado, as oficinas, os engenhos, a casa-grande e as senzalas. Esse sistema de produção agrícola, que foi a forma de cultivar, encontrada à época das colônias europeias para a obtenção de lucro a partir da exploração da mão obra de negros e negras escravizados, isto é, um sistema articulado em torno da escravidão. Quer se tratasse de algodão, índigo, tabaco ou cana-de-açúcar, as *plantations* também estruturaram a maneira de ocupar o território. A história política das ex-colônias é a história da manutenção do habitar colonial e de suas *plantations*.

No Brasil e na região do Caribe ainda tem, nos moldes da *plantation*, o mesmo princípio: exploração massiva da terra como recurso com fins de exportação comercial e de enriquecimento financeiro. Para o autor, a *plantation* não se limita às fronteiras de propriedade



rural ou de fábrica. Ela designaria as injustiças espaciais globais, as relações de poder e de dependência.

Para ele, existe uma continuidade das *plantations* que dita a orientação das instituições públicas, das universidades, dos serviços estatais e até mesmo o gosto dos consumidores, ou seja, comanda as formas de viver junto e de habitar a terra. Disso, resultaria numa estética da repetição, numa uniformização das plantas, das formas de consumir, de se vestir e de pensar o mundo. Quer se trate de plantações agrícolas ou de fábricas, o sistema de *plantation*

Lança luz sobre as violências humanas dos locais de produção, sobre as hierarquias raciais e misóginas, sobre desigualdades, sobre as formas de escravidão e de miséria operária, sobre os riscos sanitários etc (p. 67)

A *plantation* e a colonização, sob novas roupagens, se tornam amparadas pelo capitalismo e continuam afetando corpos específicos, colocando as histórias e os desejos do branco no topo da hierarquia de valores, subalternizado a vida dos humanos e não humanos. A ecologia quilombola, então, se tornaria uma territorialidade de resistência que se oporia a esse modo de ver e conceber a natureza, produzindo uma *ecologia decolonial* que sobrevive há séculos.

O autor utiliza de uma linguagem alegórica e densa para tratar de dois assuntos muito debatidos na contemporaneidade: a crise ecológica e o racismo ambiental. Com o exemplo da *plantation*, ele expressa a transformação de negros e negras – e a natureza – em meros recursos a serem explorados como condição que se manteve nos países pós-coloniais. E mesmo diante das variadas estratégias do capital para quebrar os vínculos orgânicos entre humanos e a natureza, há grupos que rompem com a lógica do antropoceno¹, como é o caso dos quilombos. Mesmo diante das violências cometidas pela escravidão e pela forma colonial de habitar a terra e conviver com a natureza, existiu o aquilombamento – ou a *marronage*² no caribe -, como forma de resistência; como uma maneira de rompimento com a forma de *ser* e *viver* nos países afetados pela colonização.

RESULTADOS/ DISCUSSÕES/ CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹ Segundo Ferdinand (2022), seria a oposição dualista que separa natureza e cultura, meio ambiente e sociedade, estabelecendo uma escala vertical de valores que coloca “o Homem” acima da natureza. O conceito de “Antropoceno”, popularizado por Paul Crutzen, Prêmio Nobel de Química em 1995, designaria a nova era geológica que sucede ao Holoceno, na qual as atividades dos humanos se tornam uma força maior que afeta de forma duradoura os ecossistemas da Terra. (p. 19)

² Os termos “marronage” (francês) e “maroon Society” (inglês) provêm do espanhol “cimarrón”, todos significando o mesmo que “quilombo” para nós. (GONZALES, 2020, p. 154)

Apartir das fugas, tanto no Brasil, quanto na região do Caribe, no interior das florestas, em meio aos rios e enrolados nas raízes das matas, os escravizados africanos fugitivos tornam-se filhos das Américas. O quilombola torna-se um nativo. Os imaginários *crioulos* de resistência representados pela revolução radical do Haiti, pelas revoltas vitoriosas da ilha da Martinica e pelas fugas bem-sucedidas dos negros e negras escravizadas que formaram os quilombos expressam o rompimento com a tradição colonial. O quilombamento teve como condição o encontro entre a pessoa negra e a natureza. As relações profundas e diferenciadas que os(as) quilombolas criaram com a natureza é uma das formas de resistência aos mecanismos de expropriação capitalista e as manifestações do racismo que perduram até os dias atuais.

Para Malcom, o caribe nos ensinaria a pensar a ecologia, bem como sua crise, a *partir do porão da modernidade*. Esse porão, referência ao interior dos navios negreiros, onde estariam os negros e negras escravizados e dominados social/politicamente: - nos levaria a considerar os ideários crioulos de resistência e de experiências de lutas (pós-coloniais) existentes no Caribe. Segundo Malcom, o Caribe permitiria uma “conceitualização da crise ecológica associada à busca de um mundo desvencilhado de suas escravizações, violências sociais e injustiças políticas: *uma ecologia decolonial*.” (p. 22). As experiências de lutas, constituição dos territórios e territorialidades dos negros e negras do caribe não são iguais as que ocorreram no Brasil, mas há um elo que os ligam: a resistência a um sistema massivo de exploração. O quilombamento como desobediência civil se mantém no modo de vida que se integra à natureza.

Dessa forma, a revolução Haitiana destruiu a mais lucrativa colônia europeia nas Américas e criou um Estado negro, se transformando em um símbolo de resistência escrava e de igualdade racial em todo o hemisfério, um verdadeiro lembrete de que é possível vencer a classe senhorial e até aniquilá-la. Mais do que alimentar sonhos de liberdade nas senzalas e barracos brasileiros, o Haiti nutriu pesadelos nas casas senhoriais, criando uma espécie de temor chamado de *haitianismo*. (REIS e GOMES, 2022).

O fantasma do Haiti pairou sob essas terras e assustou os brancos brasileiros, o que produziu uma conexão entre a *marronage* no Caribe e o quilombamento no Brasil, constituindo uma territorialidade enraizada nos mesmos ideários políticos. Malcom afirma que há muito do Caribe no Brasil, até mesmo a crise ecológica que anda aterrorizando os brancos e os movimentos ambientalistas que ainda não olharam para o porão do navio. Urge a necessidade de quilombar o antropoceno, que passemos a considerar os ecossistemas negros, pois a terra e os corpos seguem violados pelo racismo - que opera nas comunidades por meio de ameaças à sua destruição, visando a expropriação simbólica e material -.

A escravização de homens e mulheres, a exploração de natureza, a “conquista” das terras e dos povos originários, os desmatamentos, as explorações dos recursos minerais e dos solos constituem elementos de um mesmo projeto colonial. A história colonial e a história ambiental no mundo navegaram juntas desde a travessia do Atlântico, quando seres humanos passaram a explorar e lucrar mediante a escravização de outros seres humanos. Os corpos não brancos e a Terra foram apropriadas e se tornaram mercadorias para fazer fortuna para homens brancos. A violência contra os indígenas e as mulheres, o tráfico negreiro transatlântico, a escravidão de milhares de pessoas negras, o genocídio e o racismo contemporâneo têm relação direta com as poluições, degradações, riscos ambientais e outras formas destrutivas de habitar a Terra.

Foi no interior das novas sociedades que se formaram no Novo Mundo (sejam de segregação aberta ou disfarçada) que a amefricanidade floresceu e se estruturou. Já na época colonial escravista, ela se manifestava nas revoltas, na elaboração de estratégias de resistência cultural, no desenvolvimento de formas alternativas de organização social livre, cuja expressão concreta está nos quilombos, cimarrones, cumbes, palenques, marronages e maroon societies, que surgiram nas mais distintas paragens geográficas da Américas (GONZALES, 2020, p. 153)

Pensar nas resistências quilombolas no Brasil ou na *marronage* no Caribe é refletir alternativas outras, mediante o habitar colonial que persistiu nos países pós-coloniais. A *ecologia decolonial* promovida pelos povos quilombolas, em diferentes partes das Américas, rompe com a forma destruidora de habitar a terra, pautada no racismo e na exploração desenfreada de humanos e não humanos. É necessário entendermos que as territorialidades quilombolas se expressam também por um aquilombamento pautado em uma ecologia política que transcende fronteiras.

Palavras-chave: Ecologia decolonial, resistência crioula, Brasil/Caribe, aquilombamento, marronage

REFERÊNCIAS

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo Caribenho.** Tradução Letícia Mei; prefácio Angela Davis; posfácio Guilherme Moura Fagundes. – São Paulo: Ubu Editora, 2022.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

REIS, João José; GOMES, Flávio. Um guia para a revolta escrava. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). **Revoltas escravas no Brasil** – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

**XV
ENAN
PEGE**

ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA EM GEOGRAFIA

